



Administradora
Maria José Stock (1995 – 1996)

Presidente do Conselho de Administração (1997-2000)
J.J. Fraústo da Silva

Consultor da Administração
Jorge Barreto Xavier

O Centro Cultural de Belém (CCB) foi edificado em Lisboa, confinante com o Mosteiro dos Jerónimos e em terreno integrado na Exposição do Mundo Português, que decorreu na freguesia de Belém em 1940. Constituído por três edifícios (centro de espetáculos, centro de exposições e centro de reuniões) e ocupando uma área de construção de 97 000m² é o maior centro cultural de iniciativa do Estado criado em Portugal. A sua abertura ao público ocorre em 1993.

Em 1994, dirigi a 7ª edição da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo. Um dos espaços que acolheu a Bienal foi o CCB. No fim de 1994 fui convidado por Maria José Stock, administradora do CCB, para consultor. Maria José Stock deu-me, entre outras, a seguinte tarefa: pensar a criação de melhor acessibilidade para os cidadãos com limitações físicas e/ou mentais ao CCB. De facto, o projeto do complexo do CCB aprovado e construído, da autoria da equipa Vittorio Gregotti/Manuel Salgado (equipa vencedora do concurso internacional para a concepção do projeto de arquitetura do Centro Cultural de Belém) não tinha, no exterior e interior, prevista acessibilidade para essa parte da população.

E houve bastante resistência por parte das mesmas para apresentarem soluções de colocação física das acessibilidades (achava-se que iriam desvirtuar as linhas do edificado e posso concordar nessa perspetiva - mas devia ter sido pensada e integrada de raiz a funcionalidade para cidadãos com problemas e não tendo sido, a mesma sobrepunha-se).

Com António Ribeiro, responsável operacional dos espaços do CCB, percorremos interiores e exteriores, ponderámos espaços para estacionamento, acessibilidades exteriores que vencessem insuperáveis lanços de escadas, acessibilidades interiores e circuitos de acesso, alteração de sanitários e altura de cabinas telefónicas, sinalética (a atual é já uma geração posterior à então elaborada) e atitude das equipas de contato com o público.

Estudámos soluções portuguesas e estrangeiras para várias situações. E depois, a equipa do CCB, articulada com o gabinete de Manuel Salgado, concluiu o projeto e avançou-se para a sua implementação.

Paralelamente, tive a oportunidade de desenhar um programa mensal das atividades do CCB editado para cegos e amblíopes (com a Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal) e um programa de visitas a exposições para surdos, com o Instituto Jacob Rodrigues Pereira, assim como de acompanhar os primeiros passos do Centro de Pedagogia e Animação.

Mais tarde, já com J.J. Fraústo da Silva como Presidente do Conselho de Administração, fui incumbido de pensar o desenvolvimento dos módulos 4 e 5 (ainda hoje não construídos e previstos na versão inicial do concurso público para o CCB), assim como para o palacete adjacente, na Rua de

Pedrouços e que era propriedade da Fundação das Descobertas, entidade gestora do CCB. A indicação dada foi no sentido da criação de uma escola oficial de artes de palco com residência (iluminação, som, imagem, imagem em movimento, construção de cenários e dispositivos cénicos, etc.) e de um centro de documentação de artes do espetáculo. Foram desenvolvidos vários cenários e contatos para este efeito, mas com a saída de Fraústio da Silva do CCB em Janeiro de 2006 (eu próprio deixaria de colaborar em 2000) estas possibilidades foram postas de parte.

Elaborei também propostas de seminários e cursos de curta duração (nomeadamente, com Rod Fisher, com quem promovi um seminário sobre fundos europeus para a Cultura). Avaliei, com o Presidente do Conselho de Administração, os candidatos à 1.^a e 2.^a edições (1998 e 1999, respectivamente) do curso de Gestão das Artes do CCB, tendo sido assistente da Professora Joan Jeffri, diretora do *Arts Management Program* da Columbia University (NY), e responsável pela cadeira nuclear de Gestão das Artes.

[+ INFO / Download PDF Folio](#)